

Um país enfermo

Saúde

Com a abertura da IX Conferência Nacional de Saúde, cujos trabalhos vão desdobrar-se até a próxima sexta-feira, ganha o País mais uma oportunidade para realizar amplo diagnóstico de sua situação sanitária e recomendar políticas ao setor. A presença do ministro da Saúde, Adib Jatene, no evento já é uma garantia de que as preocupações da sociedade com os problemas ligados à higidez da população com certeza chegarão ao Governo. Desde logo se sabe que em nenhuma outra etapa da vida nacional o sofrimento do povo brasileiro foi tão profundo e abrangente quanto agora, em virtude de uma crise econômica em seu clímax de adversidade já há mais de 12 anos.

Pode-se enxergar a olho nu o calamitoso estado da saúde no desmantelamento da rede hospitalar e dos postos de atendimento, enquanto do lado da população as epidemias, como a Aids e a malária, grassam cada vez mais fortes. Os centros de estudos para o combate às enfermidades, sobretudo as de natureza tropical, vegetam na abulia por falta de recursos. Os equipamentos médico-sanitários, obsoletos uns, malconservados todos, ficam muito aquém da demanda, em um país que se pode chamar de enfermo sem cometer metáfora. Rareiam os corpos médicos e os agentes sanitários, os equipamentos urbanos, tal como o saneamento básico, inexistem na grande maioria das cidades e os serviços de prevenção entraram em colapso.

As deficiências infra-estruturais, como a apontada ausência de saneamento básico, ainda se expressam no precaríssimo abastecimento de água tratada, a rigor apenas existente nas capitais. As moléstias transmissíveis via contaminação do meio ambiente encontram campo fértil nas condições de sujeira de quase todos os aglomerados urbanos.

É uma paisagem caótica, por certo, cujos contornos ainda poderão aumentar

como resultado de informações e estudos transmitidos na IX Conferência Nacional de Saúde. As estatísticas disponíveis, por exemplo, já são de si um horror. Em cada minuto uma pessoa adoece de malária e a cada outros 17 alguém é vítima de hanseníase. Para mil crianças nascidas, 64 morrem antes de completar um ano de idade. Dados como esses são conhecidos dos 988 delegados chamados a debater a monumental questão durante o evento.

A precaríssima saúde do povo brasileiro, todavia, não resulta apenas de uma política errática e insuficiente de saúde. Os estágios primários de desenvolvimento econômico em quase dois terços desta terra fomentam condições de existência altamente vulneradoras da saúde. Chamado a habitar abrigos infectos, mal alimentado, preso à cegueira do analfabetismo, envolto em trapos, o homem tem o seu organismo exposto à penetração de todas as moléstias. E esse viver abjeto, ou melhor, esse deixar de morrer, é incompatível com a manutenção de um mínimo de higidez. Assim as expectativas de vida no Brasil concorrem com as mais baixas de todo o mundo.

Espera-se, portanto, que a IX Conferência Nacional de Saúde examine o problema sanitário de seus diversos ângulos, o mais grave por certo aquele associado ao subdesenvolvimento. Cogitar da prevenção, da proteção e da assistência é fundamental para definir uma política de saúde conveniente à sociedade, mas não o bastante. No caso do Brasil, só o fomento a um surto rápido de progresso e o exercício de uma política distributivista socialmente justa poderão delinear um quadro mais favorável, dentro do qual o homem alcance as benesses da liberdade, naquilo que diz respeito à educação, à habitação, ao acesso ao trabalho e a rendas compatíveis com a dignidade humana.